"Temei a Deus, e dae-Lhe gloria..."
"Caiu, caiu Babylonia..."
"Se alguem, adorar a besta e sua imagem, e receber o signal do seu nome... o tal beberá do vinho da ira de Deus..."

Apoc. 14: 6-12.

"Liga o Testemunho, sella a Lei entre os Meus discipulos."

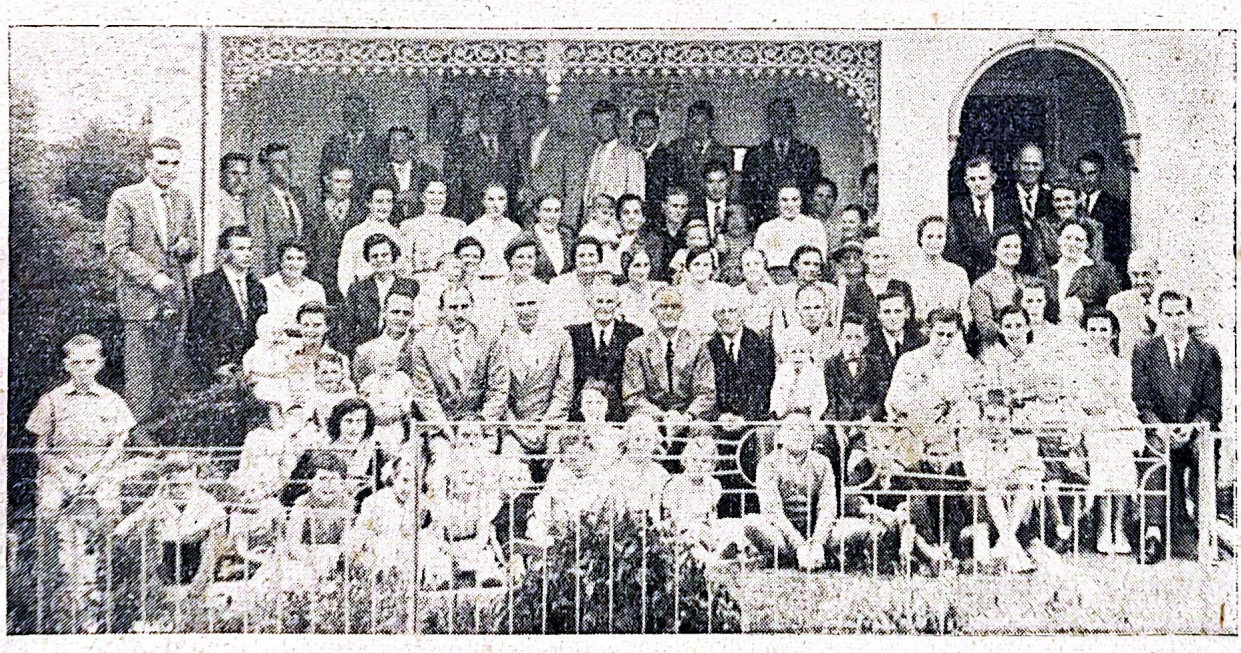
Isa. 8: 16.

Observador da Verdade

Sahi d'ella Povo Meu

A Lei — Apocalypse 18:1-4. E ao Testemunho... Isa 8:20

ANO XVIII	Suplemento de "O Fiel Orienador"	NÚMERO 5



Assistentes a uma assembléia realizada em abril de 1958, na Austrália.

FORTALEZA NA AFLIÇÃO

E. G. White

Prezados irmãos e irmãs:

Quando a última correspondência era posta no envelope e enviada ao escritório, eu tinha seis páginas escritas que, por engano meu, foram deixadas fora do envelope...

Não vos esquecereis de que estou escrevendo bastante. Cada remessa de correspondência tem levado de cem a duzentas páginas de meus manuscritos e estas na maioria têm sido escritas ou como me acho agora apoiada na cama por travesseiros, meio deitada e meio sentada, ou encostada em almofadas numa cadeira confortável.

Doem-me muito os quadris e a parte inferior de minha espinha dorsal a ficar sentada. Se nesta região se pudessem encontrar poltronas como as que tendes no sanatório, eu prontamente compraria uma, se custasse trinta dólares... É com grande cansaço que posso sentar-me ereta e manter a cabeça erguida. Preciso descansá-la no espaldar da cadeira sôbre travesseiros, meio reclinada. Esta é a minha situação justamente agora.

Mas não estou desanimada, absolutamente. Sinto que sou sustentada diàriamente. Nas longas e enfadonhas horas da noite quando o sono está fora de questão, tenho dedicado muito tempo à oração; e quando cada nervo parecia gritando de dor, quando se eu me considerasse a mim mesma pareceria que eu estava ficando frenética, a paz de Cristo tem entrado em meu coração em tal medida que tenho ficado cheia de gratidão e reconhecimento. Sei que Jesus me ama e eu amo a Jesus. Umas noites dormi três horas, algumas noites quatro horas e por muito tempo apenas duas, e todavia nestas longas noites australianas, nas trevas, tudo parece luz ao meu redor, e gozo doce comunhão com Deus.

Quando por primeiro me encontrei num estado de desamparo, lamentei profundamente ter cruzado as vastas águas. Por que não estava eu na América? Por que a custo de tanto estava eu neste país? Muitas vêzes eu poderia ter enterrado o rosto nas colchas e chorado bastante. Mas não condescendi por muito tempo com o luxo de derramar lágrimas. Eu disse a mim mesma: Ellen G. White, o que pretendes? Não vieste para a Austrália porque achavas que era teu dever ir aonde a Conferência julgava melhor que fôsses? Não tem sido esta a tua prática?" Eu disse: "Sim." "Então por que te sentes quase desamparada e desanimada? Não é isto obra do inimigo?" Eu disse: "Creio que sim." Enxuguei minhas lágrimas tão depressa como pude e disse: "Basta; não olharei mais para o lado escuro. Viva ou morra, entrego a guarda de minha alma Àquele que morreu por mim."

Então cri que o Senhor faria tôdas as coisas bem, e durante êstes oito meses de debilidade não tive qualquer desânimo ou dúvida. Agora considero esta questão uma parte do grande plano de Deus para o bem de Seu povo aqui neste país, para os da América e para o meu bem. Não posso explicar porque ou como, mas creio isto. E estou feliz em minha aflição. Posso confiar em meu Pai celeste. Não duvidarei de Seu amor. Tenho um guarda sempre vigilante de dia e de noite, e hei de louvar ao Senhor pois o Seu louvor está nos meus lábios porque parte de um coração cheio de gratidão. — Carta 18.ª, 1892.

RELATÓRIO DA ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO SUL BRASILEIRA

Ozias Silva

Dia 25 de março, às 9,10, foi aberta a conferência pelo irmão João Devai.

Convidou-nos o irmão Devai a cantarmos o hino 35 em louvor ao Senhor. Após a leitura do salmo 126, o irmão André Cecan, que também estava presente, suplicou as bênçãos de Deus. Em seguida entoamos o hino n.º 270.

O irmão João Devai recordou-nos as muitas bênçãos que Deus nos concedeu durante o último biênio.

Procedeu-se, a seguir, à chamada dos delegados, estando presentes 28, isto é, a maioria. A conferência foi declarada legal. Ato contínuo foram apresentados os relatórios:

Relatório Espiritual

Batismos durante o biênio	55
Recebidos por voto	20
Transferência	18
Número atual de membros	213

Relatório de obreiros e oficiais

Obreiros consagrados	2
Obreiro bíblico	1
Obreiros auxiliares	4
Diretor da colportagem	1
Tesoureiro	1
Encarregado do depósito em Curitiba	1
Total	7

Relatório financeiro

Entradas:

Dízimos	902.246,80
Oferta 1.º dia	7.600,80
Escola Sabatina	47.654,80
Of. Missionária	6.032,50
" Semana de Oração	12.074,00
" Primícias	23.382,90
" para Al. Conferência	1.824,50
" Escola Missionária	1.151,00
" Clínica	2.211,00
" várias	1.200,00
Total	1.005.378,30

Saídas:

Ordenados de obreiros	522.637,10
Despesas de viagem	107.648,90
Alugéis de salas de culto	7.244,80
Compra de móveis p/ Associação	8.560,00
Roupa para batismo	1.020,00
Extorno relatório Curitiba	20.954,70
Diversos	106.454,80
Mudança de obreiros	4.369,00
Reforma igreja de Maringá	11.902,50
Entregue à União	1.570,00
Para pobres da Associação	1.723,00
Prestação terreno Londrina	9.000,00
Total	803.084,80

Relatório de colportagem

Número de colportores	15
Dias trabalhados	4.321
Horas de trabalho	24.625
Livros vendidos	22.825
Revistas vendidas	9.923
Bíblias vendidas	137
Valor total das vendas	Cr$ 2.614.012,00

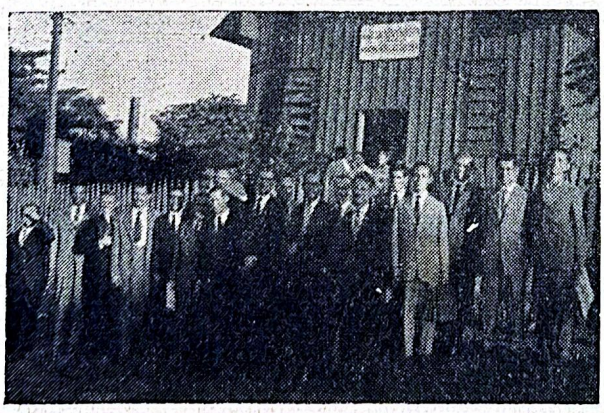
Após apresentação dos relatórios, a diretoria e os obreiros depuseram seus cargos nas mãos do presidente da União e dos delegados.

O irmão Balbachas, tomando a direção da conferência, mencionou o ato de Samuel em agradecer ao Senhor, após sua vitória sôbre os filisteus. Salientou que nós também podemos dizer: Até aqui nos ajudou o Senhor!

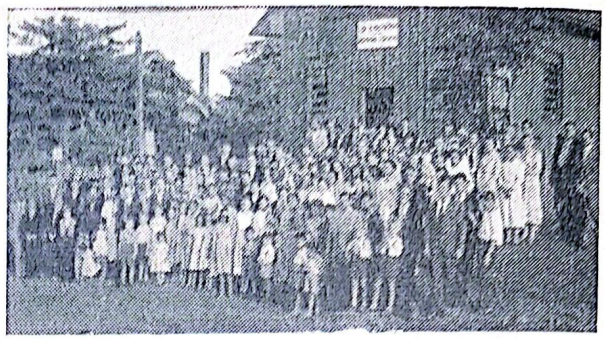
Disse-nos ainda que nosso progresso deve ser sempre crescente.

Foram propostos 3 versos bíblicos em ação de graças ao Senhor: Salmo 144:15; Salmo 66:1-3; Salmo:111:1.

Como reconhecimento aos que colaboraram na obra durante o biênio, foi lido em I Cor. 15:58.



Obreiros e colportores reunidos em março de 1958, em Londrina, Paraná, por ocasião da última assembléia da Associação Sul Brasileira.



Assistentes à última assembléia da Associação Sul Brasileira, em março de 1958, Londrina, Paraná.

Às 9 horas do dia 28, o irmão Alfonsas Balbachas abriu a segunda reunião com o hino 307 e uma oração do irmão Fridolin Bayer. Após declaração da comissão de finanças, de ter achado os livros em harmonia com o relatório apresentado, seguiu-se a nomeação dos oficiais para o novo biênio, como segue:

Presidente: *Jão Devai*

Secretário: *Ozias Silva*

Tesoureiro: *Antonio Rivas Tobal*

Comissão: *João Devai, Ozias Silva, Antonio Rivas Tobal, Henrique Vitorino e Henrique Vittmann.*

1.º Revisor: *Max Gerlach*

2.º Revisor: *Jorge Grus*

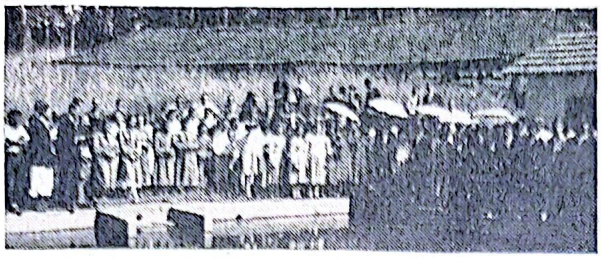
Diretor da colportagem: *Waschington L. Bueno.*

Encarregado do depósito de Curitiba: *Antonio Rivas Tobal.*

Secretário do Depto. E. Sabatina: *Ozias Silva.*

Secretário do Depto. O. Missionária: *Celso Pio Gouvêa.*

Secretário do Depto. da Liga Juvenil: *Waschington Luiz Bueno*



Reunião batismal em Londrina, Paraná, em março de 1958.

Delegados para a conferência da União: *João Devai (ex-officio), Ozias Silva, Antonio Rivas Tobal, Waschington Luiz Bueno, Antonio Miranda, Fridolin Bayer.*

Suplentes: *Celso Pio Gouvêa, Henrique Vitorino.*

Obreiros Consagrados: *João Devai, Ozias Silva.*

Obreiro Bíblico: *Celso Pio Gouvêa.*

Auxiliares: *Waschington L. Bueno, Henrique Wittmann, José Policarpo da Cruz.*

Colportores, lista à parte.

Para o encerramento de nossa assembléia, cantamos em conjunto o hino 40 e foram feitas duas orações voluntárias.

Houve três conferências públicas, bem concorridas, à noite, sôbre os temas:

Um Firme Fundamento,

Os Milagres à Luz da Bíblia e

Quando o Como Veremos Dias Melhores?

Tivemos o prazer da visita de diversos irmãos da "classe numerosa".

Domingo, dia 27, tivemos uma festa batismal: foram agregadas mais oito almas à igreja. A Deus sejam dadas graças e seja o Seu nome louvado por tôdas as bênçãos que nos concedeu!

NOTÍCIAS DA AUSTRÁLIA

Uma carta vinda daquele campo reza:

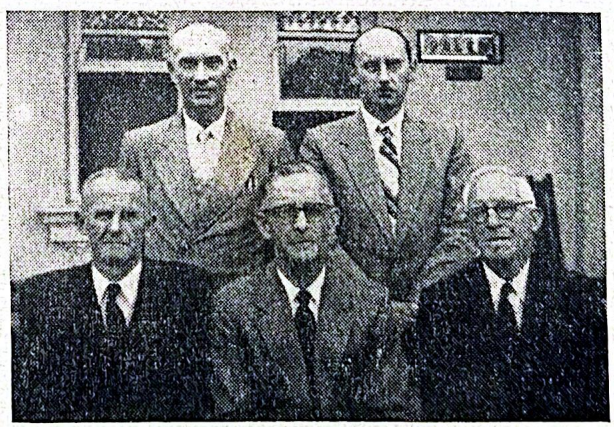
20 de maio de 1958.

Prezado irmão A. Balbachas:

Saudações em nome de Jesus nosso Salvador.

Sem dúvida o irmão ficará surpreendido ao receber esta de mim, mas o Pastor C. T. Stewart pediu-me remeter-lhe as duas fotografias anexas, de nossa conferência em Nova Gales do Sul, que se realizou nos dias da páscoa, em abril de 1958.

Sem dúvida parecerá uma reunião muito pequena, comparada com as que se realizam na América do Sul, mas agradecemos ao Senhor por esta maravilhosa mensagem de reforma, e estamos esforçando-nos para, do melhor modo que nos seja possível, fazer sua luz brilhar. Enviamos nosso amor cristão a todos os crentes da América do Sul e esperamos que estejais gozando boa saúde e fôrça como nós nos encontramos atualmente.



Dirigentes da Reforma na Austrália.

Acabamos de receber outra circular da América do Norte no fim da reunião da Comissão Executiva da Conferência Geral, que nos comunica como a apostasia continua a aprofundar-se e o que os dirigentes da igreja grande terão a enfrentar no tribunal divino. (2TSM:64-66).

A crise que está ocorrendo na França e na Argélia, bem como a grande agitação que prevalece nos países orientais, deve ajudar-nos a avaliar quão perto estamos do fim de tôdas as coisas e que o Armagedon será em breve uma realidade.

Teremos nossa conferência interestadual de 21 de agôsto a 8 de setembro de 1958, durante a qual serão escolhidos os delegados para a 8.ª sessão da Conferência Geral a realizar-se no próximo ano.

O pastor Haynes estêve na Austrália Ocidental no mês passado, participando numa conferência, e está agora de volta do Sul da Austrália e Vitória, o que levará mais ou menos uma semana.

O Senhor abençoe ricamente a todos vós.

Vosso irmão em Cristo,

G. W. Heslop

OS DENTES E A SAÚDE

O efeito dos bons e dos maus dentes

O Dr. Willis A. Sutton, Diretor das Escolas Públicas de Atlanta, no Estado de Georgia, reconheceu por experiência pessoal o valor da higiene da bôca para as crianças. É importante, não sòmente sob o ponto de vista da conservação dos dentes, como também tendo-se em vista a saúde delas; e não só para que se desenvolva seu físico sadiamente, senão também em benefício de seu desenvolvimento mental e moral.

É interessante conhecer-se como e porque o Dr. Sutton começou a dedicar-se ao assunto, ficando afinal sabedor de que o estado da bôca de uma criança é um fator importantíssimo para seu procedimento, progresso mental e saúde. Um dia apresentaram-lhe uma representação assinada por sete professôres, que em linguagem delicada davam a entender que se certo menino não fôsse expulso de determinada escola, êles pediriam demissão. Já haviam mais de uma vez dado parte dêsse menino, o qual parecia não fazer caso das admoestações do Dr. Sutton. Êste mandou chamar o menino e disse-lhe que o ia expulsar para que a escola que êle cursava não perdesse sete professôres. O menino prorrompeu em pranto, dizendo: "Senhor professor, se o senhor me desamparar, não terei mais ninguém por mim neste mundo".

O Dr. Sutton notou os maus dentes do pequeno. Levando-o para perto de uma janela mandou-o abrir a bôca para melhor examiná-la. O estado dela era horrível. O Dr. Sutton proporcionou ao rapaz mais uma oportunidade de se regenerar, que era voltar para a escola depois que pusesse a bôca em perfeito estado. Foi feito isso, e qual o resultado? O menino foi aprovado com distinção dois anos e meio depois, e hoje ocupa elevado cargo naquele Estado.

Êste caso e outros mais, fizeram que o Dr. Sutton procedesse a uma cuidadosa investigação. Em uma escola havia 18 classes e 18 professôres. Êle pediu que cada professor escolhesse na classe o pior aluno dentre os que não poderiam passar em exame. Forneceram-lhe os nomes dêsses alunos, e, chamando-os, o dr. Sutton mandou que todos tratassem dos dentes e deu meticulosas instruções a serem observadas em benefício de suas bôcas. Na primeira época de exame, 17 daqueles meninos foram aprovados em tôdas as matérias, sendo o 18º reprovado em uma delas. Ora, no ano antecedente nenhum daqueles escolares fôra aprovado mesmo em uma única matéria.

Esta investigação fêz que se despertasse em Atlanta o interêsse geral sôbre êste assunto, de modo que todos os seus escolares vieram a receber cuidados dentários na clínica dentária da escola, ou dados pelos dentistas de suas respectivas famílias.

ALGUMA COISA SÔBRE O SONO

Para os antigos gregos o sono era um deus. Schopenhauer disse: "O sono é para o homem o que a corda é para um relógio". Todos nós sabemos, por experiência própria, que o sono é nosso melhor amigo.

Um sono reparador traz consôlo e calma, renova as fôrças e anima para o labor quotidiano. O sono normal apresenta-se quando o cansaço resultante dos esforços físicos e intelectuais chega a um certo nível e as perturbações externas cessaram. Muitas pessoas necessitam de absoluto silêncio e escuridão para conseguir dormir, outras adormecem indiferentes à luz, ao barulho do trânsito, ao apitar das fábricas e, enfim, à qualidade da cama, seja ela mal arranjada ou confortável, ou apenas um banco duro. É isto uma tolerância feliz, que ajuda a conservar a saúde em circunstâncias desfavoráveis. Regularizar o sono é função da higiene, de um viver refletido e moderado.

Um sono benfazejo exije certo preparo. Evitem-se, na hora que o precede, trabalhos excessivamente fatigantes, como também qualquer espécie de alterações internas e externas, porque êles "espantam" o sono. Não é aconselhável dormir logo após o jantar.

Para obter sono tranqüilo é necessário deitar-se cômodamente, evitando qualquer causa de perturbação. Quem dorme tranqüilo e bastante torna-se senhor dos seus nervos, mas quem não dorme suficientemente fica nervoso e, afinal, doente.

Devemos trabalhar para fazer depender o sono da nossa vontade: "está na hora, quero dormir", mas não: "não posso dormir".

O tempo normalmente exigido pelo sono, é o período entre o cair da noite e o amanhecer. Sòmente o camponês observa ainda esta lei da natureza, pois o citadino destina o dia para o trabalho, e grande parte da noite, senão para o trabalho, então para o estudo ou para a diversão. Lembrem-se, porém, todos de que "a noite foi feita para dormir".

O USO DO LENÇO E DA ESCOVA DE DENTES

Muitas vêzes, mau grado nosso, presenciamos cenas quotidianas que nos levam a formar idéias não muito lisonjeiras sôbre os seus protagonistas.

Haja vista o que observamos freqüentemente em relação aos hábitos higiênicos.

Há pessoas que não podem passar um dia sem tomar seu banho, sem se pentear, sem cuidar dos dentes, etc., várias vêzes ao dia; outras, porém, parece que timbram na prática de atos desagradáveis, que não só incomodam o próximo, como também dão esquisita impressão a seu respeito.

É notável, atualmente, a larga disseminação do péssimo hábito de viver com "o dedo no nariz". E nisto, parece-nos que os representantes do sexo forte levam desassombradamente a supremacia. Quase sempre, dentro dêsses automóveis maravilhosos que rodam pelas ruas da cidade, vêem-se de relance senhores guiando carro com uma das mãos, enquanto os dedos estão furiosamente dentro das fossas nasais. Na ruas, nas filas que esperam os ônibus, ou, então, quando se é obrigado a sentar-se perto de um indivíduo que aparenta certa linha e cultura, usando colarinho brilhante, unhas tratadas, anel de grau no dedo, e encontrando-se êste último em suas altas ocupações no nariz, custa-nos reprimir a repugnância.

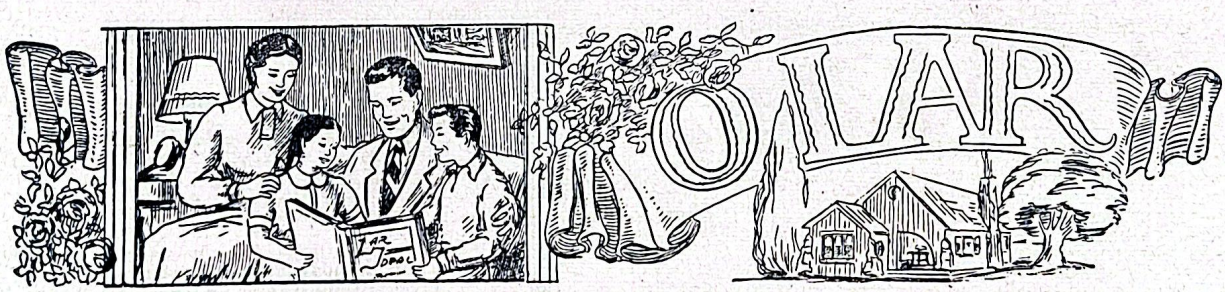
Será que não sabem qual a utilidade do lenço?!...

Outro hábito horrível é o de "chupar dentes", como os pequenos escolares dizem, chamando a atenção da professora para "dar modos" aos colegas que fazem essas coisas feias...

Ensinamos as crianças que devem escovar os dentes não só ao se levantarrem, mas também após as refeições e à noite antes de se deitarem, para evitar que os detritos de alimentos fermentem, em contato com a saliva, estragando os dentes, como também para evitar que as incomodem obstruindo cavidades ou espaços naturais, na bôca.

Êsses hábitos desagradáveis e feios são combatidos nas crianças, pelas mães e pela professôra, como atentando contra a higiene e boas maneiras; mas que fazer contra o exemplo dos adultos?...

Será necessário fazê-los compreender para que fim foram feitos o lenço e a escova de dentes?!...



O PODER DO EXEMPLO

Maria Appa. A. Balbachas

O ensino teórico aliado ao exemplo prático tem um poder irresistível, e é tão fecundo que vivifica a própria lição.

Recorda o Pe. Manuel Bernardes:

— Não há modo de mandar, ou ensinar, mais forte e suave do que o exem-

plo: persuade sem retórica, reduz sem porfia, convence sem debate, tôdas as dúvidas desata, e corta caladamente tôdas as desculpas.

— O exemplo convence-nos mais do que as palavras... É longa a estrada dos preceitos; a dos exemplos é breve e mais segura — ensinava Sêneca.

— *Verba movent, exempla trahunt,* reza um provérbio latino. Significa: As palavras comovem, os exemplos arrastam.

Certa vez onze pessoas — homens, mulheres e crianças — estavam prestes a perecer, prêsas por uma geleira. Alguém ofereceu cinqüenta dólares a quem quer que se aventurasse a passar pelo desfiladeiro glacial para efetuar a salvação daquelas onze pessoas. Ninguém respondeu à oferta feita repetidamente. O oferente apanhou então uma corda, passou-a em volta do seu busto, e ia atravessar a geleira, quando quatro homens saltaram para o seu lado e se ofereceram para ir com êle. O exemplo dêle é que lhes faltava para que se decidisesm a arriscar suas vidas.

Sim, o exemplo é o melhor dos sermões, dizia S. Bernardo. O exemplo das obras é palavra viva e eficaz; fàcilmente persuadimos se fazemos o que aconselhamos.

A mãe que sempre esteja em condições de dizer aos seus filhos: — façam como eu — essa mãe é verdadeira educadora. O êxito certamente coroará os seus esforços. Oxalá que tôda mãe, em vez de dizer aos seus filhinhos: — lavem as mãos! — tomem a sopa! — comam educadamente!, pudesse dizer-lhes, sempre, com doçura empolgante: — vamos todos lavar as mãos! — vamos todos tomar a sopa! — vamos todos comer educadamente! Oxalá que, em vez de dizer-lhes: — estudem a lição!, pudesse dizer-lhes: — vamos todos estudar a lição! Então, mãe e filhos, como que animados por um só espírito, por uma só vontade, fariam juntos o mesmo trabalho. Sòmente uma mãe assim é que pode ter um conceito nítido, elevado e prático da maternidade.

Poderá, no entanto, a mãe precisar mandar os filhos fazer qualquer coisa que ela mesma não possa fazer. Para cumprir os seus deveres domésticos, ela não poderá, por exemplo, deitar-se antes das dez horas. E mandará seus filhinhos deitar-se às oito. Dir-lhes-á:

— Vocês estão cansados. Vão-se deitar.

— E a senhora não vai? — poderão perguntar-lhe os pequerruchos.

Neste caso a mãe poderá simplesmente responder:

— Quando eu era pequenina, costumava deitar-me às oito horas.

Êste argumento lhes parecerá, sem dúvida, decisivo.

Diz a senhora De Genlis:

— Para qualquer mãe, a mais doce recompensa da sua virtude é poder impor a sua juventude como modêlo para a juventude de sua filha. A mãe deve poder servir constantemente, durante tôda a existência, de perfeito modêlo aos filhos e filhas.

Recorda François de S. Fénélon:

— Em tôdas as idades, o exemplo pode muitíssimo conosco; na infância, então, é onipotente.

Os sêres humanos são sensíveis a uma lei de causa e efeito, segundo a qual, olhando, transformam-se à semelhança daquilo a que olham.

Em certa cidade da Itália, encontrava-se uma estátua que representava uma menina grega, escrava. Era formosa, limpa e bem vestida. Uma menina maltrapilha, desasseada e despenteada, chegou certa vez à frente dessa estátua, detendo-se a contemplá-la. Contemplou-a durante muito tempo. Enamorou-se da estátua. Ficou admirada e encantada. Voltou para casa grandemente impressionada. Lavou-se e se penteou. Foi novamente ver a estátua, e tornou a casa com nova idéia. Pôs em ordem os seus vestidos, e, no dia seguinte, apareceu novamente diante da

estátua, para contemplá-la. Desta vez, porém, não estava andrajosa. Seus vestidos eram limpos e remendados. Tôda vez que contemplava a estátua, encontrava alguma coisa digna de imitação. Assim foi indo, até que se transformou completamente. Por aí se vê o poder do exemplo.

— Nada há que valha tanto como o exemplo — dizia Alexandre Manzoni.

— A influência do exemplo — ensinava John Locke — é penetrantíssima na alma.

A mãe se fará obedecer se oferecer o seu próprio exemplo, mas é preciso que, aliado ao mesmo, imponha uma disciplina rigorosa a começar pelas coisas mínimas.

CRISTO JUSTIÇA NOSSA — I

E. G. White

Cristo justiça nossa é a mensagem sublime exposta nas Escrituras Sagradas. Por mais variadas as formas e frases em que esta mensagem possa ser desdobrada e apresentada, sempre, de cada ponto do círculo, o tema central dominante é: Cristo justiça nossa.

O relato da criação revela a maravilhosa sabedoria e poder de Cristo, por quem tôdas as coisas foram criadas. Col. 1:14-16. O pecado do primeiro Adão, com tôdas as suas terríveis conseqüências, é relatado a fim de que Cristo, o último Adão, seja recebido como o Redentor e restaurador. Rom. 5:12-21. A morte com todos os seus terrores é exposta diante de nós, para que Cristo seja exaltado e glorificado como o Doador da vida. I Cor. 15:22. Nossa natureza pecaminosa e corrupta é apresentada em côres lúgubres, a fim de que se apele a Cristo para purificação e Êle nos seja em verdade "o Senhor justiça nossa."

Assim é através do Volume Sagrado, — cada frase da verdade desdobrada aponta de algum modo a Cristo como nossa justiça.

Mas a justiça como distinto e bem definido assunto de vital importância ocupa vasto lugar na palavra de Deus. Sua fonte, sua natureza, a possibilidade de ser obtida pelos pecadores, e as condições sob as quais pode ser assegurada, são expostas em grande clareza naquele original e abalizado compêndio de justiça.

Da *fonte* da justiça lemos: "A ti, ó Senhor, pertence a justiça." Dan. 9:7. "Justo é o Senhor em todos os seus caminhos." Salm. 145:17. "A tua justiça é como as grandes montanhas." Salm. 36:6. "A tua justiça é uma justiça eterna." Salm. 119:142. "O Senhor é justo, e ama a justiça." Salm. 11:7. Nêle não há injustiça." Salm. 92:15.

Quanto à *natureza* da justiça, as Escrituras são mui explícitas. É exposta exatamente como o contrário do pecado, e está associada com a santidade, ou a piedade. "Vigiai justamente e não pequeis." I Cor. 15:34. "Que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe pelas concupicências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso sentido, e vos revistais do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade." Ef. 4:22-24. "O fruto do Espírito está em tôda a bondade, e justiça e verdade." Ef. 5:9. "Mas tu, ó homem de Deus, foge destas coisas, e segue a justiça, a piedade, a fé, a caridade, a paciência, a mansidão." I Tim. 6: 11. "Tôda a iniquidade (injustiça) é pecado." I João 5:17.

Talvez a mais bela e inspiradora declaração no que tange à justiça em tôda a palavra de Deus seja a seguinte, com referência a Cristo: "Amaste a justiça e aborreceste a iniqüidade; por isso Deus, o teu Deus te ungiu com óleo de alegria mais do que a teus companheiros." Heb. 1:9. Esta coloca a justiça como a antítese, o opôsto direto da iniqüidade ou do pecado.

Assim a palavra declara que Deus é a fonte da justiça, e que esta é um dos Seus divinos e santos atributos.

A questão suprema a propósito da justiça de Deus, a questão do mais profundo interêsse e conseqüência para nós, é *nossa relação pessoal com essa justiça.* É a justiça de alguma forma inerente à natureza humana? Se é, como pode ser cultivada e desenvolvida? Se não é, há algum modo de obtê-la? Se há, por que meio e quando?

Para a mente não ensinada nem iluminada pela palavra de Deus, isto é um problema colossal, obscuro e intricado, Esforçando-se para resolvê-lo, certo é que os homens "buscaram muitas invenções". Mas a incerteza e confusão no tocante à nossa relação com a justiça de Deus são quase desnecessárias, pois a verdadeira situação é nìtidamente declarada nas Escrituras da verdade.

As Escrituras declaram que "todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus." (Rom. 3:23); que somos "carnais, vendidos sob o pecado" (Rom. 7: 14); que "não há um justo, nem um sequer" (Rom. 3:10); que em nossa carne "não habita bem algum" (Rom. 7:18); e finalmente, que somos "cheios de tôda iniqüidade (injustiça) (Rom. 1:29). Isto claramente responde à pergunta sôbre se a justiça é de alguma forma inerente à natureza humana. Não é. Pelo contrário, a natureza humana é cheia de injustiça.

Mas nesta mesma palavra encontramos as boas e alegres novas de que Deus providenciou um meio pelo qual podemos ser limpos de nossa injustiça e revestidos e cheios de Sua perfeita justiça. Encontramos que esta providência foi tomada e revelada a Adão assim que êle caiu de sua elevada e santa condição. Mesmo desde o início dêste feroz e sem igual conflito com o pecado, homens e mulheres injustos têm compreendido esta providência e a ela se têm apegado. Isto sabemos pelos seguintes testemunhos relatados nas Escrituras:

1. Num de Seus sermões, Cristo se refere ao segundo filho de Adão, e fala dêle como "Abel, o justo". Mt. 23:35. E Paulo declara que Abel "alcançou testemunho de que era justo." Heb. 11:4.

2. "Disse o Senhor a Noé: Entra tu e tôda a tua casa na arca, porque te hei visto justo diante de mim nesta geração." Gên. 7:1. E outra vez: "Noé era varão justo e reto em suas gerações: Noé andava com Deus." Gên. 6:9.

3. "Creu Abraão a Deus, e isso lhe foi imputado como justiça." Rom. 4:3.

4. "E livrou o justo Ló, enfadado da vida dissoluta dos homens abomináveis porque êste justo, habitando entre êles, afligia todos os dias a sua alma justa, pelo que via e ouvia sôbre as suas obras injustas." II Ped. 2:7, 8.

5. De Zacarias e Isabel, que viveram logo antes do nascimento de Cristo, é dito: "E eram ambos justos perante Deus, andando sem repreensão em todos os mandamentos e preceitos do Senhor." Lc. 1:6.

6. O apóstolo Paulo declara que os gentios a quem êle pregara o evangelho "alcançaram a justiça". Rom. 9:30; 6:17-22.

Assim se vê que desde a promessa feita a Adão até o fim dos tempos apostólicos, houve homens e mulheres que em todo o tempo tomaram posse da justiça de Deus e tiveram a evidência de que sua vida Lhe era agradável.

Sob que condições?

Como se realizou isto? Sob que condições se operou esta maravilhosa transação? Foi porque os tempos e as condições em que êstes homens e mulheres viveram fôssem favoráveis à justiça? Ou foi em virtude das qualidades especiais e superiores inerentes naqueles que atingiram o elevado padrão da piedade?

Todos os relatos dos tempos e dos indivíduos dão uma resposta negativa. Eram pessoas de natureza como a nossa, e seu ambiente "afligia" suas justas almas todos os dias. II Ped. 2:7, 8. Êles obtiveram a bênção gratuita da justiça pelo meio, o único meio que tem sido possível a qualquer ser humano consegui-la desde que Adão pecou.

O meio de se tornar justo é bem realçado no Novo Testamento. A exposição mais plena e completa se encontra na epístola de Paulo aos Romanos. Logo no início de seu argumento o apóstolo declara: "Não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para a salvação de todo aquêle que crê... porque nêle se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: mas o justo viverá da fé." Rom. 1:16, 17.

É o evangelho que revela ao homem a perfeita justiça de Deus. O evangelho também revela o meio pelo qual a justiça pode ser obtida pelos pecadores, a saber, a fé. Isto é finalmente apresentado na seguinte declaração:

"Por isso nenhuma carne será justificada diante dêle pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado. Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sôbre todos os que crêem..' Rom. 3:20-22.

Na primeira parte desta declaração, o apóstolo mostra a parte que a lei desempenha no problema da justificação. "Pela lei vem o conhecimento do pecado." O *conhecimento* do pecado, não a *libertação* do pecado. A lei aponta ao pecado. Assim fazendo, declara que o mundo inteiro é culpado diante de Deus. Nenhum esfôrço do pecador para obedecer à lei pode cancelar sua culpa ou levá-lo à justiça de Deus.

Essa justiça, declara Paulo, é "pela fé em Jesus Cristo... ao qual Deus propôs para propiciação (sacrifício expiatório) pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus." Rom. 3:22-25.

É pela fé no sangue de Cristo que todos os pecados do crente são cancelados e a justiça de Deus é posta em lugar dêles na conta do crente. Oh, que transação maravilhosa! Que manifestação de amor e graça divinos! Aqui está um homem nascido em pecado. Como diz Paulo, êle está "cheio de tôda a iniqüidade (injustiçá)". Sua herança do mal é a pior imaginável. Seu ambiente está na mais profunda baixeza familiar aos ímpios. De algum modo o amor de Deus, resplandecendo da cruz do Calvário, alcança o coração dêsse homem. Êle aquiesce, arrepende-se, confessa e pela fé reclama a Cristo como seu Salvador. No momento em que isto se faz êle é aceito como filho de Deus. Seus pecados são todos perdoados, sua culpa é cancelada, êle é conside-

rado justo e fica aprovado e justificado perante a lei divina. E esta admirável e milagrosa mudança pode ocorrer apenas numa hora. *Esta é a justiça pela fé.*

Tendo feito estas plenas e poderosas declarações acêrca do meio de nos tornarmos justos, o apóstolo ilustra com um caso concreto a verdade declarada. Êle toma como exemplo a experiência de Abraão.

"Que diremos pois ter alcançado Abraão, nosso pai segundo a carne?" Rom. 4:1.

Antecipando sua resposta, respondemos: Abraão alcançou a justiça. Mas como? Por que método? Paulo nos diz:

"Se Abraão foi justificado (considerado justo) pelas obras, tem de que se gloriar, mas não diante de Deus." Romanos 4:2.

Justificado *pelas obras* é uma sugestão, uma proposta — *se* tal coisa fôsse possível. É êste *o* meio pelo qual se obtém a justiça?

"Que diz a Escritura? Creu Abraão a Deus, e isso (sua crença) lhe foi imputado como justiça." Rom. 4:3.

Esta declaração estabelece definitivamente o meio pelo qual Abraão obteve a justiça de Deus. *Não foi pelas obras; foi pela fé.*

O único meio é o de Abraão

Tendo liquidado a questão de como Abraão obteve a justiça de Deus, Paulo prossegue mostrando que êste é o único meio pelo qual qualquer outra pessoa pode alcançar a justiça.

"Mas àquele que não pratica, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça." Rom. 4:5.

Que benignidade! Que grande compani-xão! O Senhor que é justo em todos os Seus caminhos", oferece Sua própria e perfeita justiça a todo e qualquer pobre, fraco, indefeso e desesperançoso pecador que crer no que Êle diz. Lêde novamente: "*Aquêle que não pratica, mas crê naquêle que justifica... a sua fé lhe é imputada como justiça.*"

Tão importante, tão fundamental é êste meio de justiça, que o apóstolo continua em todo êste capítulo a reafirmar, repetir e inculcar em todos o que êle êle fêz tão claro em poucas palavras. Eis aqui algumas de suas declarações:

"Asism também Davi declara bem-aventurado o homem a quem Deus imputa a justiça sem as obras." Rom. 4:6.

"Dizemos que a fé foi imputada como justiça a Abraão." Rom. 4:9.

"E estando certíssimo de que o que êle tinha prometido também era poderoso para o fazer. Pelo que isso também lhe foi imputado como justiça. Ora não só por causa dêle está escrito, que lhe fôsse tomado em conta, mas também por nós, a quem será tomado em conta; os que cremos naquele que dos mortos ressuscitou a Jesus nosso Senhor; o qual por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação (justiça)." Rom. 4:21-25.

Esta penetrante e convincente declaração revela a cada alma perdida, em todos os tempos, o único caminho do pecado, da culpa e de condenação, para a justiça e libertação da condenação e morte. Com isto concordam tôdas as outras declarações das Escrituras referentes a êste grande problema de ser justificado.

As três palavras "justiça pela fé" expressam a mais maravilhosa transação dêste mundo material que pode ser alcançada pelo intelecto humano. Expressam o maior dom que Deus, em Sua infinita plenitude, pôde conceder à humanidade. O grande fato expresso por esta frase de três palavras foi objeto de estudo, comentário e regozijo para milhões em eras passadas e ainda é o tema do mais sublime interêsse e importância para a família humana.

Recapitulando esta declaração, encontramos:

Que a lei de Deus requer justiça de todos os que estão sob sua juridição. Mas

pela transgressão todos se tornaram incapazes de fazer a justiça que a lei requer. Que deve fazer, então, o pecador? Sua transgressão da justa lei de Deus o tornou injusto. Esta o colocou sob a condenação daquela lei. Sendo condenado, a pena de sua transgressão tem de ser paga. A pena é a morte. Êle tem um débito que exige sua vida. Está sob uma condenação que nunca pode remover. Está diante de uma pena a que nunca pode escapar. Que pode fazer? Há algum meio de sair desta negra e desesperançosa situação? Sim.

"Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas, isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sôbre todos os que crêem." Rom. 3:21, 22.

Isto revela o meio de satisfazer às exigências da lei e com ênfase declara que o único meio de assim fazer é "pela fé". Para a mente natural e sem iluminação constitui mistério esta solução do negro problema. A lei requer obediência; exige atos justos nas atividades da vida. Como é possível satisfazer a tais exigências pela fé em lugar das obras? A resposta é dada em palavras claras: "Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiciação (sacrifício expiatório) pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus." Rom. 3:24, 25.

Que maravilhosa solução do terrível problema do pecado! Sòmente nosso infinito, onisciente e compassivo Pai pôde e quis prover tal solução. Ùnicamente escritos inspirados a puderam revelar. E êste meio de tornar justo um pecador, encontra-se no imaculado evangelho de Cristo.

"*Pela fé* êle (o pecador que tão gravemente errou e ofendeu a Deus) pode levar a Deus os méritos de Cristo, e o Senhor põe a obediência de Seu Filho na conta do pecador. A justiça de Cristo é aceita em lugar da falha do homem." *Review and Herald*, 4 de novembro de 1890.

Cristo veio a êste mundo como nosso Redentor. Tornou-se nosso substituto. Tomou nosso lugar no conflito com Satanás e o pecado. Foi tentado em todos os pontos, mas nunca pecou. Amou a justiça e aborreceu a iniqüidade. Sua vida de perfeita obediência satisfez as mais elevadas exigências da lei. E oh, a admiração e maravilha disto é que Deus aceita a justiça de Cristo em lugar de nossa falha, nossa injustiça!

Nesta transação divina, "Deus o (ao pecador) recebe, perdoa, justifica... e ama como ama ao Seu Filho." *Ibid.* Não admira haver Paulo proclamado ao mundo que foi o amor de Cristo que o constrangeu em seus árduos labôres e que considerava grande privilégio e alegria sofrer a perda de tôdas as coisas para que pudesse ganhar a Cristo e ficar revestido de Sua justiça, que mediante a fé é imputada ao pecador.

Assim se explica exatamente *como* a fé toma o lugar das obras e é considerada justiça. Esta maravilhosa verdade deve ser perfeitamente clara a cada crente; e urge que se torne experiência pessoal. Importa que nos habilite a deixar nossas próprias obras, esforços e lutas, e entrar na calma, confiante e fé viva nos méritos, obediência e justiça de Cristo. Êstes podemos apresentar a Deus em lugar de nossas faltas. Cumpre que alegremente aceitemos o perdão e a justificação concedidos e então experimentemos a paz e alegria que tão maravilhosa transação pode trazer aos nossos corações.

"Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo." Rom. 5:1.

Muitos têm errado o caminho

Quão estranho e triste é que êste simples e belo caminho da justiça pareça tão duro para o coração natural e carnal aceitar! Foi para Paulo uma grande triste-

za terem os filhos de Israel, seus parentes segundo a carne, tão fatalmente errado o caminho! Disse êle: "Mas Israel, que buscava a lei da justiça, não chegou à lei da justiça. Por que? Porque não foi pela fé, mas como que pelas obras da lei; tropeçaram na pedra de tropêço." Rom. 9:31, 32.

Por outro lado, "os gentios, que não buscavam a justiça, alcançaram a justiça? Sim, mas a justiça que é pela fé." Rom. 9:30.

E agora o apóstolo revela o segrêdo exato da queda de Israel: "Porquanto, não conhecendo *a justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria justiça,* não se sujeitaram à justiça de Deus. Porque o fim da lei (aquêle para quem a lei aponta) é Cristo para justiça de todo aquêle que crê.' Rom. 10:3, 4.

Finalmente o apóstolo encerra sua exposição dêste sublime tema com estas fidedignas palavras: "Mas que diz? A palavra está junto de ti, na tua bôca e no teu coração; esta é a palavra da fé que pregamos, a saber: Se com a tua bôca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo. Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a bôca se faz confissão para a salvação." Romanos. 10:8-10.

"Justiça pela fé" não é uma *teoria.* Alguém pode manter uma teoria acêrca disto, ao mesmo tempo "não conhecendo a justiça de Deus, e procurando estabelecer sua própria justiça." "Justiça pela fé" é uma transação, *uma experiência.* É uma submissão à justiça de Deus". É uma mudança de atitude perante Deus e Sua lei. É uma regeneração, um novo nascimento. Sem esta mudança não pode haver esperança para o pecador, pois êle permanecerá sob a condenação da imutável e santa lei de Deus; sua terrível pena ainda penderá sôbre sua cabeça.

Quão essencial se nos demonstra que saibamos, por clara e positiva experiência, que esta grande e vital transação chamada "justiça pela fé" tenha sido operada em nosso coração e vida pelo poder de Deus. Só então podemos verdadeiramente dirigir-nos assim em oração a Deus: "Pai nosso, que estás no céu; santificado seja o Teu nome."

"Êste nome é santificado pelos anjos no céu" e pelos habitantes dos mundos não caídos. Quando orais: 'Santificado seja o Teu nome', pedis que seja santificado neste mundo, santificado em vós. Deus vos reconheceu como Seu filho, perante homens e anjos, orai para que não desonreis 'o bom nome que sôbre vós foi invocado.' S. Tiago 2:7. Deus vos envia ao mundo como representantes Seus. Em cada ato da vida deveis tornar manifesto o nome de Deus. Esta petição é um convite para que possuais o caráter dÊle. Não Lhe podeis santificar o nome, nem podeis representá-Lo perante o mundo, a menos que na vida e no caráter representeis a própria vida e caráter de Deus. Isto só podereis fazer mediante a aceitação da graça e justiça de Cristo." *O Maior Discurso de Cristo,* p. 93, 95. (COR:9-22).

OBSERVADOR DA VERDADE

Boletim oficial da União Missionária dos A. S. D. - Movimento de Reforma - no Brasil com sede à rua Tobias Barreto, 809 — São Paulo — Brasil

Diretor: **André Lavrik**
Redator responsável: **Ascendino F. Braga**
Escritório: **Rua Tobias Barreto, 809 — Tel. 9-6452.**
Correspondência à **Editôra Missionária "A Verdade Presente" — C. Postal 10.007 — S.Paulo, S. P.**

CONTEÚDO DÊSTE NÚMERO: — Fortaleza na Aflição — Relatório da Assembléia da Associação Sul - Brasileira — Notícias da Austrália — Os Dentes e a Saúde — Alguma Coisa sôbre o Sono — O uso do Lenço e da Escova de Dentes — O Poder do Exemplo — Cristo Justiça Nossa - I — O Lar Edênico.

O LAR EDÊNICO

Para dar de presente ao primeiro casal
Plantou o bom Senhor belíssimo jardim
O Éden mui formoso na banda oriental
E com gôsto o adornou de belezas sem fim.

Era o primeiro lar mais lindo e admirável
Que palácio qualquer que já tenha existido
O ambiente era tão grato, tão saudável
Para Adão e família, precioso e querido.

A grande azul abóbada lhes protegia
Por chão tinham a terra de verde enfeitada
Com tudo o que dá encanto e paz e delícia
E a esplêndida alcatifa de flôr era bordada.

Por teto aquêle par tinha os ramos folhosos
Que com muita perícia eram entrelaçados
E havia nas paredes quadros mui formosos
Multicores e vivos, por Deus mesmo pintados.

Havia árvores úteis que o lar adornavam
Carregadas de frutos tão deliciosos
Belas vides eretas que ali se encontravam
Davam cachos enormes e mui copiosos.

Os frutos eram grandes e de tôda côr
Havia roxos, rubros e também rosados;
Agradável, finíssimo, era o seu sabor,
Uns verdes, outros negros, todos delicados.

Felizes se ocupavam, Adão e companheira
Da própria natureza ornando a habitação
E assim, entrelaçando os ramos da videira,
Aposentos formavam em caramanchão.

Na sala de jantar muitas frutas havia
A sala de visitas, ornada de rosas;
E no quarto o perfume das flôres fazia
As criaturas divinas alegres, ditosas.

Também habitaremos no Éden restaurado
Se fiéis ao bom Deus nós vivermos na terra
E então já vencidos a morte e o pecado
Fruiremos do céu todo o gôzo que encerra.

O. S. Soares